

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director honorário:
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39—Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

A visita à TEBE dos agentes comerciais de Lisboa constituiu um autêntico êxito

O Pessoal da TEBE tributou-lhes uma expressiva recepção em que a ternura e as flores se misturaram

A Gerência da TEBE revelou, uma vez mais, a sua larga compreensão e, numa empolgante homenagem, deixou em toda a luzida caravana uma euforia de encanto, de prazer e de inegável e duradoura saudade

O dia 5 de Setembro, repleto de Sol e de alegria, avultou aos meus olhos bem diferente dos demais dias. Era dia de festa... e de festa grande. Por toda a parte se aclamavam os que nos vinham visitar e, por toda a parte, igualmente, se ultimavam, com requintes de bom gosto e aferida sensibilidade, as ornamentações, os tapetes, as mesas, as barracas, enfim... uma série vastíssima de pequeninas coisas integradas num programa com a devida antecedência estudado, criteriosamente ponderado, para que a luzida embaixada levasse da TEBE e de Barcelos uma perdurável saudade, traduzível numa perene recordação.

Estamos convictos que os lisboetas amigos levaram dos barcelenses um conceito justo, digno e altamente lisongeiro para a cidade do Cávado.

Cerca de 100 pessoas, irmanadas numa sã camaradagem, visitaram a cidade do Alcaide de Faria, e os barcelenses, como sempre, souberam ser gentis proporcionando aos simpáticos visitantes o maior conforto e o maior carinho.

De manhã, a caravana, visitou a Fábrica Barcelense de João Duarte & C.^a, Ld., sendo-lhe depois oferecido um finíssimo almoço na «Quinta do Barral», encantadora propriedade do Ex.^{mo} Snr. João Duarte.

Segundo nos informaram, tudo correu dentro duma alegria sã, comunicativa, em que alguns oradores usaram da palavra destacando-se entre os vários os Srs. Arquitecto Gaspar Cadaval de Sousa Coutinho e o Prior de Barcelos, Snr. P.^o Alfredo Martins da Rocha.

De tarde o programa era diferente, era maior, era mais vasto e a ele assistimos e, portanto, podemos

fazer uma reportagem mais sentida, mais viva e mais real. Como se havia anunciado, no número comemorativo do 2.º aniversário do «Boletim Social da TEBE», do programa faziam parte os seguintes números, a que, posteriormente, relataremos com certa minudência:

Recepção à caravana, visita às instalações TEBE, principalmente ao novo corpo do edifício, concurso do vestido de chita, banquete, teatro e arraial minhoto

RECEPÇÃO

A Gerência da TEBE, rodeada do pessoal superior da fábrica, aguardava, nos escritórios, a visita dos Gerentes comerciais de Lisboa, que chegaram do Barral cerca das 18 horas.

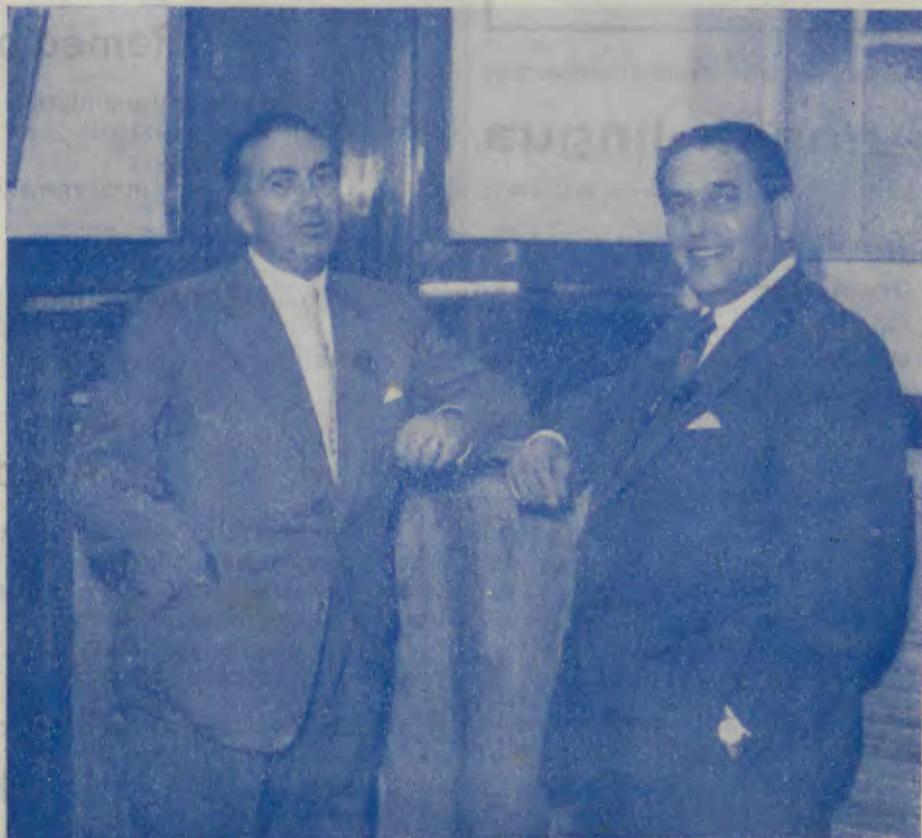
Quando os Ex.^{mos} Senhores João Duarte, Arquitecto Sousa Coutinho e Alfredo Fonseca deram entrada nos salões, uma demorada salva de palmas ecoava uníssonamente.

O Ex.^{mo} Snr. Campos Henriques aguardava os visitantes que lhe foram apresentados, um por um, pelo Ex.^{mo} Snr. Alfredo Fonseca.

Após as apresentações protocolares, o Snr. Campos Henriques, num breve mas sincero improvisado saudou, com termos precisos e concretos, o significado e a valia de tão auspiciosa visita.

*

A imprensa local fez-se representar na sua maioria, colhendo com interesse os seus apontamentos para as reportagens que após algumas horas eram enviadas aos seus destinos.



Os Ex.^{mos} Snrs. Alfredo Fonseca e Campos Henriques, após cumprimentos afectuosos, são colhidos pela objectiva

(Continua na página 8)

Agradecimentos à Direcção da TEBE

Entre tantas cartas que foram enviadas à gerência da TEBE e que traduzem a expressão da saudade e do reconhecimento pela maneira gentil, festiva e fidalga, com que foi recebida a caravana de Lisboa, publicamos, com a devida vénia, a carta da Ex.^{ma} Snr.^a D. Alexandrina Miranda, simbolizando na sua publicação a publicação de todas as outras, que, cheias de encanto e sensibilidade calaram fundo no coração da gerência da TEBE.

Ex.^{mo} Snr.

Mário Campos Henriques

Digníssimo sócio gerente da Empresa Têxtil de Barcelos

TEBE

Barcelos

Em breves palavras, venho cumprir um dever: Apresentar a V. Ex.^a os meus agradecimentos. E, se o não fizesse, cometia uma falta.

Os dias foram passando, e, depois de refeita da longa viagem, que fizemos de bom grado, eis-nos de óptima saúde.

Não me é possível esquecer o amável convite que me foi feito de acompanhar meu marido e, ao mesmo tempo, o prazer que me foi dado em poder visitar a bem conceituada fábrica de malhas TEBE, realização de grande relevo, não só pela grandiosidade do edifício, mas também pela grandeza e modernismo de maquinaria.

Sensibilizada pela maneira como fomos recebidos, sem querer, algumas vezes, profundamente emocionada, dos meus olhos caíram lágrimas, que não pude esconder.

Bem haja, Snr. Campos Henriques! Todos ficamos encantados pela ordem e união de tão vasta massa trabalhadora.

Tudo foi bonito... tudo nos sensibilizou imenso. Mas além de tudo o mais o que nos prendeu a Barcelos foi sobretudo a gentileza dispensada por V. Ex.^a, não tendo palavras com que possa traduzir o encanto dessa festa e o bom gosto manifestado em todas as cerimónias.

Todos nos retiramos de coração agradecido e encantados pelas lembranças que nos ofereceu de tão requintado gosto e tão originais.

Em meu nome e no de meu marido aceite V. Ex.^a os nossos desejos de uma longa vida repleta de felicidades e que torno extensivos à Esposa de V. Ex.^a.

De V. Ex.^a

Alexandrina Miranda

Lisboa, 21/9/955

ARABESCOS

O saber não ocupa lugar

Proporcionalmente ao peso do animal, a asa dum pássaro vinte vezes mais forte que o braço dum homem.

Anedota

Na escola:

O professor:— Já fizeste a lista dos dez homens mais importantes do mundo?

O aluno:— Já sim, senhor professor, mas não sei quem hei-de pôr a guarda-redes...

Comparações humorísticas

Como os empregados de escritório comparam os nomes de certos filmes com a sua vida diária

Prisão sem grades	— Escritório
Sombras sinistras	— Os Chefes
Hotel dos Sarilhos	— O Ficheiro
Que belo é viver	— Ausência dos Chefes
Adeus à vida	— Chegada ao emprego
Um dia nas corridas	— Saída do emprego
Redenção	— Sábado
Valsando das Nuvens	— Domingo
Aterragem Forçada	— Segunda-feira
Sonhar não custa	— Aumento de ordenado

Conceitos sobre o casamento

Segundo Dupuy a palavra "sim" foi escolhida para firmar o casamento porque, sendo bastante curta, não dá tempo à reflexão.

— Antes do casamento, ele fala e ela escuta; depois do casamento ela fala e ele escuta. Dois anos mais tarde eles falam e os vizinhos escutam.

Remédio Santo

João, pergunta a um amigo:

— Desde quando trabalhas na firma Silva & C.^a?

Resposta do amigo:

— Desde que me ameaçaram de pôr na rua.

Provérbios provençais

Quem guarda uma rapariga e quem conduz um porco tem que fazer.

Anedota

A tia Leocádia, que mal sabe escrever o seu nome, tendo de fazer a sua assinatura perante um tabelião, pegou no papel ao contrário e assinou. O notário não sabendo como sair da dificuldade fez o seguinte requerimento:

Reconheço a assinatura supra, feita por Leocádia, na minha presença, de pernas para o ar.

Simpkins era muito sensível e quando foi obrigado a comunicar o afogamento de Jones à pobre viúva fez largo gasto de papel, tinta e suor, até que lhe saiu o seguinte:

SENHORA JONES

Seu marido não pode voltar a casa, hoje, porque o seu fato de banho foi arremessado à praia, na ressaca.

P. S. — O pobre Jones estava dentro do fato.

Um pouco da nossa língua

Por MARIA CLARA

Da obra «Dos sinónimos» poético e de epítetos, de J. I. Roquete e José da Fonseca

Acordar, Despertar

Ambos são verbos activos e neutros, e representam a acção pela qual um homem sai, ou o afastam, do estado de adormecimento em que jazia. *Acordar* exprime propriamente a cessação do sono, o recobro dos sentidos, e também a cessação do sonho, como se vê naquele verso de Camões (Canc. 15):

Ah! quem de sonho tal nunca acordara

Despertar é pôr, ou pôr-se, um homem esperto, expedito para exercer suas faculdades, como se vê naqueles dois versos de Camões (Lus. VI, 38):

Os do quarto da prima se deleitarão

Para o segundo os outros despertarão.

Parece que a acção de acordar precede a de despertar, que acordar supõe um sono ordinário e que acaba regularmente, sendo que despertar anuncia sono profundo, e que se interrompe a horas desacomodadas, para sair do qual é necessário mais esforço nosso quando acordamos, ou de quem nos quer tornar espertos. — A mesma diferença existe na acepção figurada. — Quantos homens acordam do sono da culpa, mas não chegam a estas asaz espertos para praticarem resolutamente a virtude.



Uma história da Carochinha...

A MARIA HELENA ao abrir a gaveta, daquela velha cómoda, pareceu-lhe escutar uma voz, num tom de lamento, quase num choro magoadado. Ficou perplexa!... Donde viria a voz desconhecida e porquê uma lamentação tão sentida, que ela não percebera?

Muito intrigada pôs-se à escuta e, trémula, verificou que a voz era da própria cómoda!...

Refeita do susto, dispôs-se a ouvir aquele móvel precioso, que tinha o condão especial de falar. Na sua mente andavam ainda tantas histórias que a tinham encantado em menina (há tão pouco tempo) e nas quais tudo era possível, por isso, a cómoda falara e, à Maria Helena, não lhe pareceu muito estranho. Dispôs-se, calmamente, a escutá-la, numa atitude infantil e terna, como dantes, quando ouvia a sua velha, avózinha!...

Que teria a cómoda para lhe contar? Ficou, entre admirada e confusa, quieta, sentada no chão, à espera do mistério daquela voz que lhe poderia revelar tantos segredos!

...A cómoda falava tristemente... Carcomida pelos anos e pelo caruncho, que lhe ia de gastando as tábuas, a pobre cómoda recordava os dias felizes da sua vida e também as horas tristes, que, as há, em todas as existências.

Na sua voz ressoavam ainda os murmúrios da linda mata em que, numa manhã fria de Inverno, um rapaz forte e moreno, fora derrubar um velho castanheiro a golpes violentos de machado. Esse moço forte e moreno cantava alegre enquanto o pobre e velho castanheiro caía, pesadamente, no chão afogado de verduras viçosas da floresta amiga. Alvoroadamente despedira-se dos companheiros que com ele haviam sofrido rigores de Inverno e com ele haviam florido na Primavera. Embalara suavemente nas suas frondes espessas as avezinhas e dera sombra fresca aos viajantes cansados dos caminhos tortuosos da serra. Outra missão lhe reservava agora o destino!...

...E do velho castanheiro o moço moreno e forte fizera, em dias consecutivos de trabalho intenso, uma cómoda. E com que carinho a não trabalhara!... Sem lhe deixar uma ruga, ou uma farpa, ou uma mancha. A cómoda estava linda, bem acabada, perfeita, enceradinha, clara e brilhante como a alma desse moço moreno e forte que, a pensar na sua Maria Helena, a fizera, enlevado no sonho lindo do seu casamento!

O José tanto tinha trabalhado para que a cómoda do seu quarto de noivos ficasse a gosto da sua querida mulher, e ela, depois, tanto cuidara, pela vida fora, para

que nada turvasse a beleza daquele móvel precioso.

Como a tinha sempre linda! O pano do pó constantemente acariciava a cómoda enceradinha! Não consentia que as moscas lhe pousassem ou algum raio atrevido de sol comesse a côr, ou alterasse o brilho impecável daquela linda cómoda. Em cima, uma jarra com flores e apenas algum enfeite leve...

Mas, por dentro, a sua cómoda era um mundo de pequenas coisas e um esmero de ordem. Numa gaveta, velhas recordações e as suas "riquezas" de mulher económica, noutra, as mil pequenas coisas em que o José tinha estimação. Os gavetões, era um para ela, outro para o marido, e o de cima de todo, ia-se enchendo pouco a pouco de peças miúdas e delicadas que as suas mãos habilidosas, nas horas vagas, iam fazendo para o pequenino que em breve chegaria àquele lar feliz!...

...Os anos tinham passado e já, há muito, todos repousavam na paz do Senhor, e a velha cómoda tinha saudades, tantas saudades desses tempos, em que lhe limpavam o pó e lhe davam brilho, em que lhe desviavam o sol quente e lhe punham, em cima, flores frescas e enfeites leves. A velha cómoda chorava pelo tempo em que nos seus gavetões havia ordem e arranjo. Forradinhos de chita sempre lavada, mal se abriam, deles saía o perfume suave da frescura da roupa que ainda trazia o aroma das ervas silvestres dos campos e o cheiro a sol. Que saudades ela tinha dos dias em que nas gavetas se dispunham em ordem os lenços a um canto, noutro lado

as meias, aqui as camisas, acolá as camisolas, e por aí fora, tudo sempre nos seus lugares.

Agora o que por lá ia! Eram camisas e camisolas e meias acamaradas e outras sem par e restos de lãs com retalhos de fazendas e sedas, tudo amontoado, guardado à pressa, numa correria louca à espera de um dia de boa disposição para arrumar numa hora e voltar a desarrumar numa semana.

Jamais lhe deram cera, ou lhe desviaram o sol ou tiveram cuidado em a conservar sem manchas ou sem riscos. Tudo se lhe pousava ao acaso e aquela cómoda parecia, às vezes, uma tenda da feira, com pentes e botões, nastros e alfinetes, agulhas, cós, espelhos, jarras partidas, cintos, blusas, pó de arroz e baton!...

Naquela casa havia agora mais dinheiro que noutros tempos em que a cómoda era conservada, limpa, enceradinha e brilhante, porque todos trabalhavam na fábrica. Havia muito mais dinheiro, mas havia muito menos arranjo e muito menos amor em conservar e poupar!...

Como era diferente! E as horas de silêncio na casa, sem uma voz meiga de mulher, ora cantando, ora ralhando com os filhos, enquanto arrumava!

Que profunda tristeza a da velha cómoda!... Por isso ela não podia abafar a voz das suas recordações e num lamento triste confiara as amarguras que iam corroendo as tábuas do velho castanheiro, que numa manhã fria de Inverno, um moço moreno e forte derrubara, enlevado no sonho lindo do seu noivado.

Cantigas de Silva Tavares

*Quando o meu filho se queixa,
por mais que me sinta bem,
julgo que a vida me deixa
e sofro logo também.*

*Não, não é mãe quem o quer;
mulher, quem por tal se tem:
— Só é Mãe quem for mulher
mas, Mulher, só quem for Mãe.*

*Atura-me, sê mulher,
procura sempre a bonança:
— Quem começa a envelhecer
volta às birras de criança.*

*Há-de sempre haver canções
e quadras de bem querer,
enquanto houver corações
dentro do peito a bater.*

PENSAMENTOS

Crianças

Crianças: são elas a alegria da família, como a família é a suprema ventura dos felizes e o supremo consolo dos desgraçados. Quando aparecem, trazem consigo o sol: tudo se ilumina.

Maria A. Vaz de Carvalho

Inocência

Inocência, na acepção em que tomamos a palavra, quer dizer ignorância do que é impuro. Quem cora ao ouvir uma imprudência, claro é que distingue, e quem distingue duas coisas conhece-as ambas.

Ramalho Ortigão

Leia, assine e divulgue o

«Boletim Social da TEBE»



Secção dirigida por JAIME FERREIRA

II SÉRIE

COM o presente número, vamos apresentar a todos os nossos estimados leitores a segunda série do PASSATEMPO, iniciada com o número do 2.º aniversário do "Boletim Social da TEBE".

Circunstâncias várias, que não da nossa vontade, obrigam-nos a juntar os problemas apresentados no número anterior, com os do presente "Boletim". Concluímos por supor que a maior parte dos nossos leitores não tiveram "tempo" para nos enviarem as decifrações do *Passatempo* da primeira série e, nesta conformidade, esperamos no próximo número poder apresentar o "Quadro dos Campeões" que indica o "Regulamento".

Isto no caso dos nossos leitores desejarem inscrever-se no concurso que pensamos estabelecer e cujos prémios serão indicados no "Boletim" do próximo mês de Outubro.

Notamos que alguns dos problemas propostos, não eram de solução fácil, mas também não exigimos que as soluções sejam completas. Respondam ao que sabem, como souberem e, aos restantes, procurem raciocinar, até encontrarem uma "possível" solução.

Se nada conseguirem decifrar, o que não cremos, enviem-nos ao menos uma sugestão, quanto aos problemas que mais gostariam de ver mencionados. Teremos o maior prazer em satisfazer a vontade dos nossos amáveis leitores, para seu regalo e nossa compensação.

Pelo que fica dito, compreenderão que não publicaremos, neste número, as decifrações correspondentes aos problemas publicados no número especial do mês de Agosto. Ficamos, portanto, na expectativa das vossas "obras" na certeza de que só concorrendo, poderão ter direito aos prémios que estamos a preparar para oferecer aos concorrentes que mais decifrações conseguirem apresentar e cujo nome figure mais vezes no "Quadro dos Campeões" até ao final deste concurso.

E assim vamos apresentar os problemas correspondentes à II série.

I — Prova de argúcia

De madrugada chegaram a um hotel duas senhoras e um casal. O hotel estava cheio e só conseguiram quarto para o casal.

Pergunta-se: Que horas eram?

II — Prova de memória

Em que romance de Júlio Diniz são figuras principais a de Daniel e a de Margarida? Em "Morgadinha dos Canaviais", em "Os Fidalgos da Casa Mourisca", em "As Pupilas do senhor Reitor" ou em "Uma família inglesa"?

III — Paciência gramatical

Com as seguintes letras EALVS formar 10 palavras.

IV — Problema simples

(Para resolver «de cabeça»)

Entrou um freguês num estabelecimento de aluguer de bicicletas e levou uma, deixando como garantia a quantia de 300\$00, para o que deu uma nota de 500\$00, devolvendo-lhe o alugador duas notas de 100\$00. O freguês nunca mais apareceu, nem a bicicleta, cujo valor era de 800\$00. O alugador, trocou na mercearia de que se abastecia a nota de 500\$00, mas o merceiro exigiu a destroca pois verificou que a nota era falsa; nesta conformidade o alugador das bicicletas teve de pedir emprestados 250\$00 a um amigo e na semana seguinte, com os lucros do negócio pagou a dívida. Pergunta-se: Qual foi, na realidade, o prejuízo que sofreu o alugador da bicicleta, abstraindo do que poderia ganhar com o seu aluguer?

V — Rima de palavras

--- M ---
 --- A ---
 --- L ---
 --- H ---
 --- A ---
 --- S ---
 --- T ---
 --- E ---
 --- B ---
 --- E ---

Substituir os pontos por letras, formando cidades portuguesas.

VI — Adivinha

*Se não passasse quem passou passaria;
 mas como passou quem passou, não passou.*

O que é?

■■■■■■■■

Como vêem, não é difícil, encontrar as soluções para os problemas acima mencionados. Basta um pouco de raciocínio, uma razoável dose de paciência e as soluções surgirão como por encanto.

Esta secção só se poderá man-

Clientes que visitaram Barcelos a convite das fábricas BARCELENSE e TEBE

José Paulo (J. Paulo Marques, Ld.^a), Augusto Baptista Grazina (Lanalgo, Limitada), Agostinho dos Santos Rodrigues (Eugénia Farinha, Ld.^a), Rogério Costa (A. de Sousa & C.^a, Ld.^a), Vasco Machado (M. S. Barbosa & C.^a), António Fernandes Ribeiro (Pena & Fernandes, Ld.^a), José Paulino (Empresa de Tecidos do Sul, Ld.^a), Mário Miranda (Nunes dos Santos & C.^a), Joaquim Rodrigues (Amaral & Gouveia, Ld.^a), Silvestre Segismundo (Armazéns Val do Rio, Ld.^a), Carlos Lopes Moreira (Pio Barral Marques, Ld.^a), Luís Gomes de Melo (Aliança Comercial de Quinquilharias), Aníbal José da Silva (António Barbosa Herdeiros, Ld.^a), António Alvaro (J. Calado, Ld.^a), Amândio Graça (Fernandes & Martins, Ld.^a), Artur da Silva Coutinho (Esteves d'Almeida, Ld.^a), José Castro (António Sarmento), Raul Carbó (Joaquim Gomes Filipe, Ld.^a), Filipe Manuel Mendes (Constantino Represas, Ld.^a), Jorge Gonçalves (José Ramos), José Prosper Gonzalez (Mariano Gonzalez, Ld.^a), José Manuel Aleixo de Oliveira (Joaquim Dias Ferreira & C.^a), Alvaro dos Santos (Sousa & Simões), Isaltino Tomaz Fernandes (Casa Violeta), Jorge António Fernandes (Flores & Ferreira, Sucrs.), Artur Barata M. Fonseca (Alberto Ferreira dos Santos), Manuel Marques (Retrozeiros da Madalena, L.^a), Pacheco Furtado (Ramiro Leão & C.^a), Mário do Carmo Félix (Boaventura & Duarte, Ld.^a), Albino Timóteo Júnior (André Hilário Marques, Ld.^a), Manuel Laginha (Manique & Tavares, Ld.^a), Hipólito Nobre da Silva (Farinha & Almeida, Ld.^a), Veloso (Eduardo Martins & C.^a, Ld.^a), João Lança (Joaquim Godinho da Silva, Sucrs.), Carlos Costa (Manuel Freitas, Ld.^a), Joaquim Bernardino de Oliveira (Esteves & Costa, Sucrs.), Joaquim dos Santos (Sociedade de Tecidos Santarém, Ld.^a), D. Amélia Jerónimo Rosa (Lanalgo, Limitada), D. Guilhermina Rodrigues (Grandella, Limitada), D. Laurinda (Grandella, Limitada), D. Maria Luísa Moreira (Grandella, Limitada), José Viegas Corvo (Rosas & Carvalho, Ld.^a), Manuel Abílio Português da S. Simões (J. Português da Silva, Ld.^a), Carlos Martins (David Branco & Filhos), David Pereira (Vilas & Vilas), Manuel Fiuza (Vilas & Vilas) e José Mega da Fonseca (José Mega da Fonseca).

Alguns destes Snrs. fizeram-se acompanhar das Ex.^{mas} Esposas.

Campanha Nacional de Educação de Adultos

Integrado no programa de propaganda da repressão contra o analfabetismo foi levado à cena na casa de espectáculos desta cidade o Teatro da Mocidade Portuguesa, que se exibiu, com muitíssimo agrado, nas seguintes peças:

A FONTE, de António Botelho (1.º prémio do concurso de Peças de Teatro da Campanha Nacional de Educação de Adultos), o ALDRABÃO, de Fernando Amado e o *Auto do Bom Pastor*, de António Manuel Couto Viana.

Os cenários eram de Marcelo de Moraes e os figurinos de António Vaz Pereira.

Ponto: Fialho de Almeida e contra-regras: Helder Jorge e José António Ribeiro.

O programa agradou completamente e o «AUTO DO BOM PASTOR» deixou na assistência a certeza plena de que António Manuel Couto Viana foi muito feliz na criação dos personagens que estavam assim distribuídos:

Silvano	Alfredo de Palma Vaz
Fausto	Alexandre Vieira
Pedro	Rui Migueis
Diabo	António Manuel Couto Viana
Diabrete	Eduardo de Melo
Anjo	Alina Vaz

ter desde que os nossos leitores nos ajudem. E essa ajuda é simples: colaborando connosco, escrevendo-nos e enviando-nos as suas soluções, mesmo que não estejam certas.

É o nosso único estímulo e a única satisfação que nos impelirá a continuar e a procurar apresentar sempre problemas novos, fáceis e de concepção genérica compatível com a mentalidade da grande maioria dos nossos leitores.

Também não queremos apresentar problemas cuja solução esteja tão à vista que qualquer pessoa, por pouca cultura que possua, a encontre facilmente. Esta secção destina-se especial-

mente a criar o gosto pelo improvisado, a obrigar o leitor a puxar pela sua matéria cinzenta e a dedicar alguns momentos de folga ao estudo e resolução destes simples problemas.

Sabemos, por que os conhecemos, de assinantes do nosso "Boletim", com capacidade para colaborar connosco, enviando-nos as soluções que encontrarem para os problemas propostos neste nosso concurso. Para eles apelamos, esperando que essa colaboração seja assídua para benefício de todos e em especial para expansão da cultura geral, intento do "Boletim Social da TEBE".

À obra, pois, argutos leitores.



Dirigida por José Pires Bigote

O Quei do Mês

CAMPEONATO REGIONAL

REALIZOU-SE em Barcelos, no rinque do Parque, a final do Campeonato Regional disputada entre o Vitória de Guimarães e o Turismo Oquei Clube das Taipas.

O Taipas vencendo o jogo conquistou o título pelo qual se vinha batendo há anos e que sempre lhe fugiu.

Não vamos aqui fazer apreciações ao jogo em si, pois que já viriam fora de tempo, mas sim fazer uma ligeira apreciação à actuação das duas equipas em rinque.

Para alguns, antes de começar o jogo, havia um vencedor lógico, pois em anteriores exhibições se salientou muito especialmente no capítulo de técnica. Queremos referir-nos à equipa do Vitória que, durante o campeonato, apresentou um jogo vistoso e de rapidez por vezes desconcertante nas desmarcações.

A espinha dorsal da equipa é, sem dúvida, Cunha Gonçalves que em deslocações velocíssimas consegue arrastar os seus companheiros em avançadas difíceis de anular.

Do outro lado o Taipas, uma equipa que se fez por si e mais ainda do que o Vitória vivendo de um atleta: Zeca.

Este rapaz, que é sem dúvida um valor no oquei patinado, consegue suprir com a sua vontade e habilidade quase todas as deficiências que surgem na equipa.

Toda ela joga com uma vontade férrea que por vezes atinge a dureza, e, a esta qualidade deve o Taipas o título de campeão.

Ganhou em Barcelos aquele que mais vontade pôs no jogo. Assistiu-se a um verdadeiro jogo de campeonato que arrastou uma assistência verdadeiramente record.

Seleção de Barcelos-Seleção de Braga

O Oquei Clube de Barcelos, no intuito de aproveitar o final de época, resolveu, de acordo com a A. P. de Braga, realizar em Barcelos um jogo entre as Seleções de Braga e local. Porém, à última hora, os jogadores de Braga não compareceram, anulando assim a possibilidade de termos visto um bom encontro.

Lamentamos sinceramente que tal tenha acontecido com a agravante de não ter havido uma justificação para o facto.

O encontro tinha sido combinado por intermédio da A. P. de Braga parecendo-nos portanto, que, pelo menos, deveriam ter avisado o clube organizador, evitando assim que o público estivesse aguardando a vinda de atletas e acabando por vir à bilheteira receber a importância da entrada.

Não sabemos ainda como ficará o assunto, mas o que é verdade é que a organização arrasta despesas que, por vezes, atingem cifra elevada.

Uma pergunta lógica aparece agora: Quem fica com o encargo de tais despesas?

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

ABRIU novamente a época de futebol e os campos de jogos voltaram a registar a afluência de gente que, ansiosa de presenciar a boa preparação das equipas, vai também na expectativa dos grandes encontros.

Começaram já os primeiros jogos e, como é lógico observar, as equipas, com excepção de uma

Associação de Patinagem de Braga

No próximo ano serão eleitos os novos corpos gerentes da entidade máxima do oquei patinado no Minho. O facto em si não é tão notável que mereça ser destacado acrescentando ainda o desinteresse com que certos Clubes o encaram.

Porém, no ano que se avizinha, a eleição reveste-se dum valor muito especial pelos seus antecedentes, pois que até hoje ainda não houve Direcção à altura de elevar o oquei do Minho à posição que lhe compete. Somos simplesmente ignorados e grandemente diminuídos junto das entidades superiores.

Para prova das anteriores afirmações basta ver a maneira como a actual Comissão Administrativa da Federação encarou os problemas desta Associação que lhe foram apresentados. A ausência total de qualquer subsídio e a afirmação de que se o rendimento monetário não cobrisse as despesas a Associação se dissolvesse — foram as soluções propostas.

Por aqui se pode aquilatar bem qual a aceitação que tem junto da Federação uma Associação com 10 clubes representando 6 localidades diferentes. A razão pela qual as coisas chegaram a tal ponto não nos interessa o que na verdade é necessário é mudar radicalmente a opinião dos dirigentes federativos por forma a acabar com a inferiorização da A. P. Braga.

Por isso a eleição do ano próximo terá de ser encarada doutra forma pelos Clubes, que são, afinal, os principais interessados.

Reuniões preparatórias e apresentação de nomes para os cargos a eleger serão sem dúvida medidas imperiosas a tomar se, realmente, queremos que o oquei em patins tenha nome no Minho.

ou outra, não nos parecem mostrar uma melhoria de técnica.

Há mesmo equipas que depois de intensa preparação e com uma reforma nos seus quadros, caminharam para a ruína e não para o progresso. Isto verificou-se nestes primeiros jogos, embora tenhamos que frisar que ainda estamos no início e consequentemente ainda temos tempo para reparar a sua reabilitação. Oxalá isso surja para bem do desporto e que os grandes continuem grandes e os pequenos deixem de ser pequenos para conseguirem no final dos seus esforços uma igualdade àqueles que se mostram, — por agora aparentemente — superiores.

Surgiram já as primeiras surpresas e muitas

NATAÇÃO

POR diversas vezes já aqui temos frizado a acção do Clube Desportivo de Barcelinhos e é com o máximo merecimento que o fazemos porque, se há alguma colectividade que com prestígio tenha levado através do País os nomes de Barcelos e Barcelinhos, uma é o Clube de além-rio.

Com os brilhantes resultados obtidos na magnífica piscina da Póvoa de Varzim onde o Barcelinhos por intermédio de João Durães conseguiu dar uma lição às outras colectividades nortenhas, tendo arrecadado o máximo de primeiros lugares e de melhores tempos com a obtenção de tempos records, ficou, assim, apurado para os Nacionais da Figueira da Foz.

Foi de êxito a participação do Barcelinhos neste campeonato onde João Durães em disputa com os melhores nadadores do País se manteve grande até final.

Não será necessário pormenorizar as provas, porque largamente o fizeram os jornais diários. João Durães é, sem dúvida, um grande nadador. Não lhe faltam recursos para vir mesmo a ser um grande animador em provas futuras.

Com uma esmerada preparação — a que se tem dedicado já —, tem o Barcelinhos encontrado o homem que honrará a terra Barcelinense.

Não foi de menos honra a colaboração dos restantes nadadores que também obtiveram óptimos resultados.

Está de parabéns o Clube e os seus nadadores e são nossos votos que continuem a colher honra e nome para Barcelinhos, para o Desporto e para a Colectividade.

A. Faria

Noticiário

Segundo as últimas instruções vindas da Federação Portuguesa de Patinagem deverão as Associações da modalidade passar a ser distritais, pelo que a Associação de Patinagem do Minho se passa a denominar Associação de Patinagem de Braga.

— Os atletas da secção de Ciclismo da TEBE tomaram parte em mais um circuito: o de Paços de Ferreira.

A chegada fez-se em pelotão pelo que a classificação não se revestiu de interesse.

— O Clube Desportivo da TEBE na nova época deverá apresentar mais uma secção: a de oquei em campo.

O assunto está a ser estudado não havendo ainda qualquer resolução definitiva.

Visado pela Comissão de Censura

outras com o tempo virão, quer elas se veritiquem na I ou II Divisões.

Notou-se um fracasso dum Sporting de Portugal perante um Torreense caloiro na I Divisão. Os maus resultados dum F. C. do Porto, Sporting de Braga, etc. etc. e verifica-se também o ponto a que chegou um Vitória de Guimarães que descendo da I para a II Divisão, tinha que procurar a sua reabilitação, mas que ainda não nos deu qualquer sintoma de recuperação.

Temos ainda um Gil Vicente que ainda na passada época conquistou um lugar honroso na classificação geral, venceu um torneio particular e por agora, também, depois de adquirir... elementos novos, ainda não deu um ar da sua graça. Diz que jogou bem, que foram infelizes, mas isto não é o bastante. Os resultados é que contam e se isso se denota numa diferença tangencial, ainda vá que passe. Mas, quando a diferença vai de 4 a 6 bolas, o mal já é outro.

A bola é redonda e esperamos por uma melhoria, quer técnica no desporto, quer por uma adaptação das equipas.



Padre António Vieira

ANTÓNIO VIEIRA foi o maior prosador do século XVII e, sem dúvida, um dos maiores de toda a Literatura Portuguesa. A sua prosa era rica, opulenta, cheia de elegância. Ele tinha a precisão matemática no emprego dos termos apropriados. António Vieira falava do púlpito com a maior sinceridade defendendo as virtudes e atacando o vício, sem temor dos inimigos, que, de todos os lados, procuravam atacá-lo, cobardemente. O Padre António Vieira entrincheirava-se no púlpito e de lá, numa linguagem varonil e destemida, não receava o rei, os clérigos, os fidalgos, os grandes comerciantes dos sertões do Brasil. Ele foi o defensor mais notável dos Índios que queria cristianizar para nelles ver respeitadas direitas de seres humanos. A sua alma confragia-se ante a ignominia dos traficantes da selva brasileira que os reduziam a escravos, maltratando-os com crueldade. A obra do Padre António Vieira é notável sob muitos aspectos: notável pela beleza da linguagem, pela construção das frases, pela riqueza de vocabulário, pela facilidade de expressão. Parece brotar naturalmente numa corrente impetuosa de termos precisos e de ideias tão ligadas, entre si, que os sermões escritos há 400 anos, parecem de hoje, tão bem trabalhada foi a Língua Portuguesa por este velho Jesuíta; notável ainda a sua obra porque, o seu conteúdo não perdeu a actualidade, tão profundas são as observações e os conhecimentos sobre a alma humana; notável também a sua obra porque através dela conhecemos todo o viver da sociedade daquela época, onde vicejam virtudes e heroísmos a par dos mais baixos sentimentos e depravações. Contra o Padre António Vieira refervem ódios, porque ele não poupa ninguém e ataca os seus inimigos a descoberto. As suas frases, curtas, vão, como setas, direitas àqueles que ele deseja ferir. Desmascara-os em termos violentos e aponta-lhes o caminho do dever e do arrependimento. Prègados do alto dum

púlpito, os seus sermões são de hoje, porque nos defeitos e vícios das épocas passadas nós vemos os defeitos e vícios da época actual, que os homens andam, na mesma, por caminhos perdidos de horizontes fechados, sem um Ideal de vida, em direcção a Deus.

O Padre António Vieira não deve ser desconhecido por nenhum português, pois os seus sermões atravessaram fronteiras e mereceram a admiração em países estranhos, onde não podiam nunca, ser tão bem apreciados porque, as traduções alteravam a beleza das frases, escritas numa língua rica e maleável como é a Língua Portuguesa.

A obra principal do Padre António Vieira são os «Sermões», em número aproximado de duzentos. O 1.º tomo saíu do prelo em 1679. Em vida do autor publicaram-se onze tomos dos quais o 11.º em 1696. São notáveis também as suas «Cartas», pela simplicidade, clareza e espontaneidade e porque são despidas de artificios ou de affectação. São um testemunho histórico de grande valor. Entre aqueles que se correspondiam com o Padre António Vieira, contam-se o próprio rei D. João IV, D. Luísa de Gusmão, o malogrado príncipe D. Teodósio, os reis D. Afonso VI e D. Pedro, a rainha D. Catarina de Inglaterra, o duque de Cadaval, o marquês de Castelo Melhor, o marquês de Gouveia, o conde de Ericeira e tantos mais que ocupavam elevado lugar na sociedade desse tempo.

A vida acidentada, deste grande padre jesuíta, interessa-nos conhecer porque teve grande influência na sua obra. Ele mesmo diz: «não há maior comédia do que a minha vida: e quando quero ou chorar, ou rir, ou admirar-me, ou dar graças a Deus, ou zombar do mundo, não tenho mais que olhar para mim».

Nasceu em Lisboa em 1609, quando Portugal suportava ainda pesado cativeiro sob a bandeira dos Filipes. Em 1614 acompanhou para o Brasil o pai, que ia servir na Relação da Baía, cidade onde começou

os seus estudos no Colégio dos jesuítas. Aos quinze anos fugiu de casa e fez-se noviço da Companhia.

Em 1635 foi ordenado sacerdote da Companhia de Jesus.

Depois de restaurada a independência de Portugal, o Padre António Vieira acompanhou o filho do Vice-Rei a Lisboa que vinha prestar preito de fidelidade a D. João IV. O talento do padre jesuíta logo seduziu o rei, que em breve o incumbiu de várias e difíceis missões diplomáticas.

Em 1652 o Padre António Vieira embarcou para o Brasil com o firme propósito de dedicar a sua vida à evangelização dos índios, tão desprotegidos e tão perseguidos por negociantes sem escrúpulos e ambiciosos, que deles faziam escravos. Percorre o Maranhão, o Pará, o sertão tenebroso, os rios de correntes desconhecidas. Nada o detem: nem os colonos inimigos, nem o clima, nem as doenças, nem as serranias agrestes ou as planícies inhóspitas, nem os mil perigos das selvas misteriosas.

Ia em busca dos índios para deles fazer cristãos, salvaguardando-os assim dos carrascos dos colonizadores que os prendiam apenas, como animais de trabalho, para as roças.

Sofreu por isso a mais atroz perseguição por parte dos católicos que queriam os índios como escravos e não como cristãos.

Voltou ao Reino, onde em 1663 lhe foi fixada residência em Coimbra, por ser contrário ao partido do rei que então governava: o pobre D. Afonso VI. Aí mesmo, o Santo Ofício, o afrontou, chegando a condená-lo a que «seja privado para sempre de voz activa e passiva, e do poder de pregar». Seis meses depois foi-lhe r-levada a pena. Os últimos anos da sua vida passaram-se serenamente no Brasil, onde em 1697, com perto de 90 anos, expirou o mais genial orador da literatura portuguesa.

É com o maior interesse e agrado que hoje se lêem os seus notáveis sermões.

O amor e o tempo

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atrave-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera.

São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco que terem durado muito. São como as linhas que partem do centro para a circunferência, que, quanto mais continuadas, tanto menos unidas.

Por isso os antigos sàbiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via, e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge.

A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas.

Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor! O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.

O nosso exclusivo ACABAMENTO FIXAFIL não encolhe

S. Mamede de Infesta

End. Teleg. FIL
Apartado 12

S. Mamede de Infesta

Telefones { 171
172

FIL-fiação do Leça, Limitada

RUA DE SANTOS DIAS—S. MAMEDE DE INFESTA
PORTUGAL

FIAÇÃO — TECIDOS — ACABAMENTOS

ESPECIALIZADA EM ACABAMENTOS

COM A MAIS MODERNA INSTALAÇÃO DO PAÍS

Branqueação — Mercerização — Tinturaria — Estamparia — Cardação — Flocagem — Polimerização
Acabamento anti-ruga e acabamento FIXAFIL

PARA

Nylon : Algodão : Seda : Mistos : Tecidos e Malhas

Exija FIXAFIL — não encolhe.

Exija FIXAFIL — não encolhe.

N. B.— Todos os acabamentos feitos na nossa Fábrica são marcados nas ourelas.

PORTUGAL E O MUNDO VISTO DE RELANCE

a) — Os Estados Unidos da América apresentaram, há dias, na Virgínia o maior porta-aviões do mundo que mede trezentos e dez metros de comprimento e tem de altura, nada mais nada menos, (até ao cimo do mastro) que a dum edifício com 25 andares.

b) — O governo de Bombaim resolveu proibir as incoerentes penetrações de indianos nos territórios portugueses da Índia. Para isso prolongou ao longo da fronteira um cordão de forças armadas.

c) — Segundo Churchill os americanos foram os culpados de os Russos, em 1945, terem chegado a Berlim primeiro que os aliados.

d) — No dia 6, na Cidade do Vaticano, e pela primeira vez na história, um cidadão soviético participou numa reunião sobre ciências históricas.

e) — Na Índia, devido à cheia súbita de um rio ficaram submersas 400 aldeias, ficando em perigo duzentas mil pessoas.

f) — O Negus encomendou 2 coches no estilo século XVIII; mas com todo o conforto moderno.

g) — A guerra civil na Argentina ainda não terminou?

h) — A Nova Zelândia precisa de quarenta mil mulheres.

i) — Há dias, em Nápoles, uma senhora deu à luz uma criança com o peso pouco vulgar de 10 quilos.

j) — O "Lord Mayor" de Londres esteve em Lisboa onde foi acolhido com grandes honras.

l) — Já foi libertado o soldado americano por quem a esposa pedira a Chu En Lai.

m) — Uma tromba de água causou consideráveis prejuízos em várias localidades do Douro.

n) — Foi preciso estabelecer a maior ponte de cabos do mundo para iluminar electricamente a Sicília.

o) — Foi nomeado Presidente provisório da Argentina o general Eduardo Lonardi.

Talvez não saiba que:

a) — se chamam *antípodas* aos povos que estão em meridianos ou paralelos opostos, isto é que, se uns estão a 40° latitude norte, outros estão a 40° latitude sul; e se uns estão no hemisfério oriental, outros estão no hemisfério ocidental. Tais são os habitantes da China e os do Paraguai.

b) — a Índia produz o anil e o ópio mais preferidos, o mais fino algodão e a melhor seda, todas as espécies de palmeiras, que dão frutos, papel, farinha e cordas; tem bosques de bambu ou cana da Índia, que serve para as construções. Nas costas pescam-se pérolas.

c) — o grande músico Heitor Berlioz nasceu em 1803 na Côte — Saint — André (Isère) e legou ao mundo as seguintes óperas: Benvenuto Cellini, A Tomada de

Tróia, Beatriz e Benedito, Os Troianos em Cartago; a lenda: A Danação de Fausto; a Oratória: A Infância de Cristo; a Sinfonia Fantástica, a Sinfonia de Romeu e Julieta, a de Harold (com solo de viola), a sinfonia fúnebre e triunfal; as aberturas dos Francs-Juges, de Waverley, do Carnaval de Veneza; uma Missa, um Requiem, etc.

d) — Voltaire, poeta e prosador francês, nasceu em Paris e cultivou todos os géneros: a tragédia, a história, o conto, a crítica, a epopeia e principalmente a filosofia.

A sua influência literária e social foi enorme.

e) — Damião de Goes, ilustre escritor e cronista português nasceu em Alenquer e foi o autor das Crónicas de El-Rei D. Manuel, do príncipe D. João, etc.

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

A visita à TEBE dos agentes comerciais de Lisboa

Visita às modelares instalações da TEBE

No meio duma paralela, traçada ao longo da linha da artéria principal da FABRICA pelo pessoal da TEBE, passou a luzida embaixada, que se viu rodeada de palmas, de flores e de risos amigos, que pareciam vindos da alma e da alma vi-nham porque era o coração que os ditava.

Após prolongada e minuciosa visita às instalações, que se encontravam em laboração, os visitantes ficaram encantados, pois tiveram a satisfação de ver laborar algumas das mais modernas máquinas da indústria têxtil e receber detalhadas instruções dos técnicos que, com delicada satisfação e sincero optimismo, davam os informes solicitados.

O Snr. Campos Henriques, sócio gerente da TEBE, sempre atencioso e dinâmico parecia querer dominar todos os sectores, pois, por vezes, dava-nos a impressão que a sua presença se multiplicava. Quer dizer, por outras palavras, que tão depressa se encontrava no salão de máquinas, como logo estava na tinturaria ou no salão de acabamento.

O salão novo

O salão novo, prolongamento do corpo do edifício da TEBE, concebido numas linhas novas e sóbrias, deixou em toda a gente uma impressão de grandeza, de bom gosto, de higiene e, ao mesmo tempo, de irrepreensível conforto.

Concurso do vestido de chita

Pelo ineditismo do concurso dentro duma organização de malhas parece, à priori, destituído de lógica tão desconcertante concurso. Porém, a nós, não nos parece tanto assim. De princípio achamos fora de propósito semelhante concurso; mas, reflectindo bem, este concurso, a meu ver, atinge uma função particular, na vida privada da mulher operária. Exigiu dela, num mínimo de dispêndio (pois a chita barata é), um máximo de bom gosto e de harmonia de linhas.

Portanto, o concurso, visto por este lado assume, de certo modo, uma função estética, em que o bom gosto, a harmonia do corte e o à vontade atingem funções que valorizam e especulam qualidades amortecidas na mulher operária.

No concurso entraram 16 raparigas da TEBE, rigorosamente vestidas, dentro das determinantes das regras do mesmo.

Obtiveram os primeiros prémios as seguintes operárias: 1.º, Maria Antónia dos Santos Pereira; 2.º, Maria Rosa da Silva Lomba e 3.º, Emília de Jesus. Todas as concorrentes até ao 10.º lugar tiveram prémios valiosos, artigos de seda TEBE; e as restantes também foram contempladas com óptimas lembranças.

O júri era composto pelas Ex.ªs Senhoras D. Maria da Assunção Moura Santos e D. Emília de Sá Fernandes e pelo Ex.º Snr. Mário Abílio de Miranda.

Este concurso foi organizado pelo «Grupo Recreativo da TEBE».



Um aspecto da assistência ao concurso do vestido de chita, vendo-se também o respectivo Júri

Banquete

Após o concurso do vestido de chita seguiu-se-lhe o banquete que foi servido no novo corpo do edifício.

Na presidência encontravam-se o Snr. Campos Henriques, esposa de Alfredo Fonseca, Alfredo Fonseca, Francisco José Faria Torres, Nunes Hall, Prior de Barcelos e outras pessoas de marcante relevo. Nos outros lugares da enorme mesa sentavam-se as dezenas de convivas.

O banquete correu num ambiente de franca e sã camaradagem, dentro dum entendimento alegre em que os visitantes e empregados superiores da TEBE confraternizaram.

Representando os agentes lisboetas usou da palavra o Ex.º Snr. Mário Abílio de Miranda que se referiu à maneira cativante e amiga como todos foram recebidos e tratados. Dirigiu-se ao Snr. Campos Henriques a quem, em nome de todos os visitantes, ofertou uma significativa placa de prata com que quiseram testemunhar a sua visita.

Em seguida, num fulgurante e majestoso discurso, o Snr. P.º Rocha galvaniza a assistência, traçando com grande precisão a obra gigantesca da TEBE pondo em destaque as virtudes do Snr. Campos Henriques e a sua obra social. Ocupou-se, com grande elevação, da função actual que a imprensa ocupa na vida hodierna.

Por fim terminou por brindar pelas prosperidades da TEBE e de todo o seu mundo trabalhador.

Por último e com a voz embargada pela emoção falou o Snr. Campos Henriques que agradeceu as palavras que lhe haviam sido dirigidas.

Grupo Recreativo da TEBE

Sarau Recreativo

Embora já tarde, o Grupo Recreativo da TEBE não deixou de cumprir o seu programa.

O Snr. Manuel de Sousa num improviso simples mas cheio de entusiasmo disse dos motivos e das razões que o levaram a tornar em realidade o sonho de alguns trabalhadores.

Seguidamente fez-se ouvir o Grupo Coral da TEBE que, sob a regência do Snr. Eduardo António, agradeceu plenamente, sendo-lhe tributado, finalmente, fortes e expressivos aplausos.

Com bastante agrado também foi levada à cena a comédia «Duas Gatas» de Celestino Rosa.

Arraial Minhoto

Lá fora, grande número de operários e operárias davam largas à sua alegria cantando ao desafio, bailando ao som dos cavaquinhos, pandeiros e concertinas. Ranchos de rapazes e raparigas, garridamente trajadas à moda do Minho emprestavam ao ambiente uma nota alacre que perdurou pela noite fora.

—«Boletim Social da TEBE» felicita a Gerência da TEBE pela óptima organização e saúda toda a massa trabalhadora, nomeadamente as comissões, pelo êxito de tão maravilhosa e encantadora festa.

António Baptista



O Ex.º Snr. Campos Henriques prestando esclarecimentos a um grupo de visitantes